

REDE DE MULHERES NEGRAS DE PERNAMBUCO: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE CONTRIBUEM NO COMBATE AO RACISMO E NO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO

ADRIENY ALVES DA SILVA

Graduanda do Curso de Pedagogia, UNIFACOL, Gravatá /PE, adrienysilva3@gmail.com

ISAIAS DA SILVA

Professor/orientador do Curso de Pedagogia, UNIFACOL, Vitória de Santo Antão/PE, isaias.silva@unifacol.edu.br

RESUMO

O presente texto é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, realizado no contexto do curso de Pedagogia do Centro Universitário FACOL- UNIFACOL, com o seguinte objetivo geral: Compreender como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negra. Essa pesquisa de cunho qualitativa, tem como finalidade de pesquisar junto com as colaboradoras da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco da cidade de Vitória de Santo Antão-PE. No que permeia aos instrumentos de coleta de dados, fizemos uso da entrevista semiestruturada (GIL, 1999) e a partir dos achados nos discursos realizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). A partir das análises destacamos os seguintes o núcleos de sentidos: I) Práticas educativas para além da escola; II) Conscientização e Empoderamento; III) Valorização da identidade; IV) Pedagogia como ferramenta de transformação social. Nesta direção destacamos que a Rede de Mulheres Negras se configuram enquanto um espaço-tempo de promoção de práticas educativas que contribuem no processo no combate ao racismo e no fomento ao protagonismo das mulheres negras pernambucanas.

Palavras-chave: Rede de Mulheres Negras, Pernambuco, Prática Educativa, Combate ao Racismo, Protagonismo feminino.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, realizado no curso de licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário FACOL – UNIFACOL. O mesmo apresenta como objeto de pesquisa “as Práticas Educativas que contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro”. O referente objeto de pesquisa, ganha relevância por abordar pessoas que sofreram e ainda sofrem bastante pela desigualdade e o preconceito, aqui em específico, as mulheres negras. Nessa direção, um ponto que vale ressaltar é apresentado por Gomes (2003, p. 171), quando questiona “[...] Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? “. Seguindo essa linha de pensamento consideramos relevante que o(a) docente realize uma auto avaliação e reveja os seus conceitos “Será que estou estimulando e incluindo minhas(os) estudantes, a refletir sobre o lugar-papel das(os) negras(os) todos os dias do ano letivo ou apenas no dia da Consciência Negra? ”

Partimos do pressuposto que organizações que trabalham com mulheres negras representam um espaço-tempo de luta e resistência contra o racismo e contribui nas lutas e resistências das mulheres. Essa pesquisa a justificasse a partir das seguintes dimensões: pessoal, acadêmica, social e profissional. No âmbito pessoal, destacamos que na minha condição de mulher, assumo um lugar de fala que tenciona as lógicas machistas e ideológicas que impõem o lugar inferior as mulheres. Ratificamos também, a importância de refletirmos sobre o racismo imposto especialmente aqui aos povos negros. Assim, enquanto sujeitos de direito consideramos importante discutir sobre o empoderamento feminino para a (des)construção de uma sociedade machista da qual nos impõem.

Na dimensão acadêmica, este objeto de pesquisa ganha relevo, no decorrer de nossa formação ao longo do curso de Pedagogia, onde fomos sendo instigadas a (re)pensar o lugar-papel da mulher negra na sociedade. Nesse sentido, destacamos a relevância de buscarmos metodologias inclusivas, que estimulem a autonomia e criticidade da(o) estudante. Assim, consideramos que a(o) discente necessita se identificar com a escola para poder gerar uma aprendizagem real e significativa.

Na questão social, esta reflexão ganha sentido, a medida que visa propor diálogos centrados no processo de conscientização do público

em geral e na mudança de práticas voltadas para combater ao racismo e estimular o empoderamento feminino negro. Consideramos que escola busca a humanização e visa contribuir para a vida pessoal de cada estudante. Assim, consideramos que a sociedade necessita seguir questionando e reivindicando seus direitos humanos, como também seguirem denunciando os preconceitos e abusos sofridos pelas mulheres negras em nossa sociedade.

No tocante a dimensão profissional, temáticas como estas corroboram para que possamos seguir produzindo narrativas outras, onde possamos seguir construindo um cenário social, político e educacional centrado no respeito as diferenças. Por isso, é necessário que aprendemos enquanto futuras(os) docentes a trabalhar essas questões em nossos espaços educacionais, onde envolvam o combate ao racismo e evidencie o protagonismo feminino. Por esse conjunto de dimensões, esta pesquisa vai se configurando enquanto uma possibilidade teórico-metodológica que se propõe dialogar e contribuir na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Nesta direção, destacamos que pesquisar e aprofundar-se nesta linha de estudo irá contribuir na formação crítico-reflexiva dos sujeitos, visando promover um olhar inclusivo e consciente da(o) professora(a) para com as(os) discentes, destacando a identificação e a autonomia de cada uma(a) das(os) estudantes, como também contribuir no processo de realização de práticas educativas que contribuam no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro. Nessa direção, concordamos com Piaget (1982, p. 246), destaca que:

[...] A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Nessa direção, destacamos a importância de compreendermos a educação em sua dimensão política e pedagógica no que se refere a formação humana dos sujeitos. Assim, esta pesquisa estrutura-se a partir da seguinte questão problema: Como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro?

Nesse sentido, como Objetivo Geral, temos: Compreender como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de

Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negra. E como Objetivos Específicos: I) Identificar as práticas educativas realizadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco; II) Identificar e caracterizar a partir dos discursos das mulheres negras os impactos das atividades educativas realizadas pela rede no tocante ao combate ao racismo e o seu empoderamento; III) Analisar os sentidos das práticas educativas promovidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco visando a construção de uma sociedade mais inclusiva no que se refere às relações étnico-raciais e gênero.

Dessa forma, a título de organização deste projeto, o mesmo encontra-se estruturado da seguinte forma: Gênero e Empoderamento Feminino Negro; Procedimentos Metodológicos; Lócus da Pesquisa; Resultados e Discussão; Considerações Finais e Referências.

2. GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO

Neste tópico iremos tratar a respeito de gênero e empoderamento feminino negro; buscamos referenciar essa questão, à luz das(os) seguintes autoras(es): Louro(2008), Carneiro (2003), Baquero (2012) Gomes (2002), Lima e Vala (2004). Esse diálogo nos possibilita considerar as faces e interfaces frente a esta temática.

Ao nos debruçarmos sobre essa temática, consideramos fundamental refletir sobre as questões de “Gênero”, assim, de acordo com Louro (2008, p.18) consideramos que “A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais”. Nesta reflexão, fica bastante evidente que aprendemos através inúmeros ambientes, práticas, e circunstâncias que são socialmente e culturalmente impostas/construídas pela sociedade e a cultura da qual vivenciamos a respeito do gênero.

Nesse sentido, consideramos que ninguém nasce humano, atendendo as questões humanizadas e sociais, assim como, conseqüentemente, as mulheres não nascem mulheres, elas aprendem por toda imposição colocada socialmente culturalmente sobre como ela deve se comportar, agir, se vestir e até mesmo como pensar. No entanto, vale destacar que ao longo dos anos nós mulheres sempre estamos lutando para conquistar um espaço de autonomia e liberdade que sempre esteve presente no ambiente masculino.

Diante de todas estas questões, de opressão e desigualdade social, fez-se/faz-se necessário uma grande luta e posicionamento feminino durante todos os anos, nós mulheres estamos desde sempre tentando combater esse patriarcado totalmente machista e exclusivo. O movimento de combate à isso foi a fundamentação do feminismo, que implica na igualdade e equidade dos gêneros.

Obviamente há distintas realidades e vivências dentro do Grupo Feminino da nossa sociedade, a vivência e a realidade de uma mulher negra é completamente diferente da vivência de uma mulher branca, que também é completamente diferente da vivência de uma mulher asiática e entre outras; tendo isto em mente, o feminismo não pode ser generalizado para todas as mulheres se ele não representar adequadamente todas as mulheres, por isso, no passar dos anos o feminismo se tornou abrangente para todas as mulheres, para que possa atender as necessidades de todos os grupos femininos em sua particularidade única.

Segundo Carneiro (2003, p. 118), evidenciamos que o:

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais.

Na reflexão apresentada acima, a autora traz uma expressão propriamente designada para aprofundar-se nas lutas e nas necessidades das mulheres negras e em toda sua trajetória de vida, considerando que como abordamos anteriormente a vivência das mulheres são distintas e se faz grande necessidade ser específica de diferentes grupos femininos, para em sua consequência atender as necessidades de todos os grupos. Nesse viés, sinalizamos que se o feminismo atendesse apenas as necessidades das mulheres privilegiadas, iria continuar sendo desigual para as mulheres não privilegiadas, por isso a importância dessa abrangência feminista para ser de fato igualitária para todas(os). Assim, com tudo isso que foi abordado, implica dizer a importância também do empoderamento feminino, como é fundamentado por Baquero (2012, p.174), ao refletir que o:

“Empoderamento”[...] O termo é um anglicanismo que significa obtenção, alargamento ou reforço de poder. O termo tem sido utilizado em diferentes áreas de

conhecimento educação, sociologia, ciência política, saúde pública, psicologia comunitária, serviço social, administração; constituindo-se em ferramenta de governos, organizações da sociedade civil e agências de desenvolvimento em agendas direcionadas para a melhoria da qualidade de vida e dignidade humana de setores pobres, boa governança, maior efetividade na prestação de serviços e responsabilização social.

Assim, sinalizamos que o Empoderamento Feminino tem como uma de suas fundamentações “reforço do Poder”, que está sendo utilizado de forma bastante abrangente e acolhendo diferentes áreas de conhecimento de rua como também em outras questões sociais e abrangente na nossa sociedade. Desse modo, considerando o que os grupos feministas passaram anos de opressão e silenciamento, com ajuda do empoderamento vamos poder trazer de volta e/ou resistindo as nossas forças e seguirmos lutando contra as injustiças sociais presentes em nossa sociedade. O Feminismo é um grande ponto a respeito desse empoderamento, já que esse processo de luta e resistência, luta por igualdade e Equidade dos gêneros.

Tendo sinalizado essas questões, passamos a refletir como a escola pode contribuir para esse empoderamento das mulheres desse modo, se as estudantes tiverem acesso a uma educação de qualidade referenciada em suas marcas indenitárias e abrangente que mostre todas as questões sociais vamos estimular crianças que se tornem conscientes e autônomas que conseqüentemente irão ter consciência do problema irão lutar contra esse problema, não aceitando a opressão e buscando essa igualdade merecida. Assim, necessitamos cada vez mais proporcionar espaços-tempos em que as mulheres têm um protagonismo na sua história e sejam ouvidas devidamente pela sociedade, considerando que vivemos em sociedade machista que sempre tenta silenciar as mulheres e também é totalmente sexista.

Um ponto a ser abordado é que crianças gostam bastante do entretenimento e podemos usar essa ferramenta para chamar a atenção delas(deles) para essa discussão. Crescer vendo que nos filmes e na cultura do entretenimento em geral possui mulheres fortes e protagonistas de sua vida, elas poderão identificar-se e perceber que tudo é possível, que elas podem fazer o que quiserem, parece algo simples, mas, ainda nos dias atuais sempre assemelham os personagens fortes ao masculino e desmerecem as lutas e as causas femininas, sempre colocando elas em segundo plano.

Desse modo, evidenciamos que estamos conseguindo mudar esse estereótipo ao longo dos anos, abordando e trazendo personagens femininas fortes para as telas de entretenimento, como por exemplo, a super-heroína Mulher-Maravilha, trazendo essa força e protagonismo feminino e também no Pantera Negra, onde, trazemos a força e a garra de personagens negros muito fortes e inteligentes.

São pequenas coisas que fazem total diferença no processo de crescimento de uma criança, se a criança crescer vendo que tem bonecas parecidas com ela, personagens fortes independentes irão estimulá-la a perceber que sua identidade e características são lindas e devem ser valorizadas. Antes no entretenimento a meta das personagens femininas, quando eram protagonistas, eram se casar. As mulheres podem ter essa meta de vida, cada uma é livre para fazer suas escolhas e seguir seus sonhos, mas, essa é a única meta que uma mulher tem? Será que os sonhos de todas as mulheres são de casar e ter filhos?

A partir dessas reflexões, vamos buscar esse direito de escolha, igualdade, equidade e, liberdade e entre outros pontos tão necessários para as mulheres em nossa sociedade, só podemos mudar a sociedade quando tudo for compreendido e fizer uma mudança real e significativa. Retomando o protagonismo trazemos as contribuições de Carneiro (2003, p.129), ao sinalizar que:

O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrando as perdas históricas.

Nessa direção, como sinalizamos acima, no tocante a utilização de filmes com personagens femininas como protagonista para essa estimulação de identificação e empoderamento e através desta reflexões apresentadas por Carneiro (2003), destacamos o respeito dessa luta pela busca de protagonismo real em nossa sociedade, as mulheres negras tiveram inúmeros direitos negados em toda a história, e agora estamos lutando para que as mulheres negras possam ser protagonistas de sua vida e para que haja uma mudança em sua vida em sociedade. Assim, também destacamos a importância das mulheres seguirem se redescobrimo, frente a sociedade machista e patriarcal. Esses elementos reforçam cada

vez mais a importância pela busca de uma sociedade igualitária para todas as mulheres, as mulheres devem empoderar-se para redescobrir toda essa sua força e poder que tem dentro de si e não silenciar-se para toda essa injustiça social e violência.

Toda essa questão abordada a cima implica dizer nessa sociedade racista da qual ataca, discrimina e viola os direitos humanos das(os) negras(os), que são oprimidos durante anos e tem uma tentativa de silenciamento por parte da sociedade. De acordo com Lima e Vala (2004, p.402), temos uma explicação a respeito do racismo e todo o seu fundamento e implicações, consideram que:

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento.

Nessa direção, podemos observar o quão absurdo e sem sentido se constitui o racismo, as pessoas na nossa sociedade tem uma ideia de que um grupo é superior que o outro e com isso o grupo que se acha superior começa a discriminar e excluir o grupo social do qual é diferente dele, levando a consequências sérias e péssimas para o indivíduo que sofre a opressão. Por causa desse tremendo absurdo devemos lutar pelo combate e acabar com o Racismo. Devemos ir atrás de uma sociedade inclusiva que respeita as diversidades.

Para que haja uma educação inclusiva que visa uma igualdade e que destaca o respeito ao próximo e as suas características devemos abraçar e estimular o processo de identificação negra, como abordei anteriormente pode gerar uma mudança positiva na vida dos indivíduos se forem devidamente executadas. Vale ressaltar uma abordagem de Nilma Lino Gomes (2002, p.39), destaca:

A identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade.

Assim, não podemos simplesmente utilizar qualquer coisa e utilizar em nossa sala de aula, isso deve ser devidamente pesquisado e debatido com as(os) verdadeiras(os) envolvidas(os) no processo, pessoas que tem a vivencia e o lugar de fala para abordar tais assuntos. Necessitamos trabalhar em comunhão com as(os) envolvidas(o)s para desenvolver meios de estimular a identificação e a identidade negra desde muito pequena(o).

A(o) docente necessita abordar desde sempre a valorização da individualidade da(o) estudante independentemente, considerando que muitos são forçadas(os) a entrar em um padrão que exclui cada característica única que possui, ensinar a pensar por si só e estimular a valorização de cada um como sujeito único é de fundamental importância. Dito isso, a(o) docente deve desenvolver meios de abordar todas(os) as(os) estudantes e não fazer uma diferença entre elas(es) e sim tratá-las(os) devidamente como iguais em todo o processo.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a metodologia adotada para que possamos desenvolver a referente Artigo Científico. Desse modo evidenciaremos: a abordagem metodológica, os instrumentos de coleta de dados, os sujeitos/colaboradores, os critérios de escolha dos sujeitos/colaboradores; procedimentos de análise e lócus da pesquisa. Nesta estudo, temos como fundamento base a pesquisa em sua configuração qualitativa que de acordo com Uwe Flick (2004, p.20) se caracteriza:

As idéias centrais que conduzem a pesquisa qualitativa diferem daquelas empregadas na pesquisa quantitativa. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade ele abordagens e métodos.

Como foi apresentado por Flick (2004), para abordar uma pesquisa com caráter qualitativo implica dizer que estamos tendo como foco o objeto em questão analisado, sempre visando no participantes da pesquisa e buscando trabalhar a sua diversidade, outro ponto desta pesquisa é fazer uma reflexão a respeito de tudo que foi trabalhado e observado, assim, não iremos apenas coletar os dados, mas, vamos refletir a respeito de tudo que podemos observar. Ressaltamos que faz necessário que

tenhamos como base referenciais teóricos para construir a pesquisa com a base científica e de qualidade, como também é necessário a variedade de abordagens e métodos a ser trabalhado.

A respeito da coleta de dados citada anteriormente iremos utilizar a entrevista semiestruturada que de acordo com Gil (1999, p. 117), “É a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que lhe interessam a investigação”, Como foi abordado por Gil, essa técnica promove uma investigação mais dinâmica entre a entrevistadora(o) e a entrevistada, sempre puxando os temas e dados que irão enriquecer cada vez mais a entrevista. Manzini (2012, p 156) complementa dizendo, que:

A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta

Assim, consideramos que é uma forma natural de manusear a entrevista, fazendo com que a entrevistada em questão se sinta confortável para que possamos coletar os dados absorvendo os pensamentos do entrevistado de forma natural e espontânea e caso haja alguma dúvida ou surgimento de uma nova questão a ser trabalhada para compreender melhor a respeito do objeto estudado o pesquisador pode realizar novas perguntas para complementar e enriquecer o projeto. Por essas razões apresentadas acima essa abordagem foi escolhida, por sua simplicidade e naturalidade, para deixar a entrevistada confortável e para que o(a) entrevistador(a) não fique presa(o) a um roteiro fechado e sim a abrangência de um roteiro mais flexível.

Como sujeitos/colaboradores dessa pesquisa, contaremos com 4 Mulheres da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, aqui chamadas/identificadas por nomes de flores (Rosa, Hortênsia, Margarida e Gardênia). Os critérios de escolha dos sujeitos/colaboradoras foram: mulheres que ocupam cargos de liderança na Rede e possuem o maior tempo de atuação. Com essa escolha nós teremos acesso a informações de colaboradoras que tem mais experiência e vivência no movimento da rede. Com isso, iremos nós aprofundar nas questões levantadas pela rede e a luta vivenciada por elas neste movimento.

A respeito do procedimento de análise optamos pela Análise do Conteúdo (BARDIN, 1977), através dessa abordagem iremos poder ir a fundo e trazer uma pesquisa significativa para a sociedade, não é apenas uma pesquisa, é uma discussão e busca por uma melhor inclusão para nossos alunos. A análise tem um papel fundamental nessa pesquisa, como aborda BARDIN (1977, p. 31), “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Consideramos que a Análise de Conteúdo aborda uma perspectiva qualitativa em sua perspectiva de comunicações e também nos possibilita refletir sobre a realidade estudada/pesquisada.

Assim, a partir do pensamento de Bardin (1977, p 95), podemos observar que encontramos distintas fases para gerar uma organização em todo o procedimento de análise:

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Como foi abordado acima faz-se necessário que a análise seja bem desenvolvida e trabalhada, para que obtenhamos um resultado que atenda a intencionalidade da pesquisa, por esse fato é de fundamental importância essa organização citada acima. A primeira fase é a da pré-análise que tem como característica, segundo Bardin (1977, p 95), “esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”. Através dessa primeira fase encontramos uma subdivisão para que seja melhor trabalhada, a partir do momento que tenhamos um referencial teórico para que tenhamos base, iremos formular perguntas pertinentes e relevantes para preparar e levar até o momento da entrevista, com tudo isso poderemos formular os objetivos do projeto e as hipóteses para toda a resolução da pesquisa em sua finalidade.

Na segunda fase encontramos o momento de Exploração do material, que deve ser realizada após uma pré-análise feita de forma correta para que não atrapalhe o momento de exploração. Este momento de exploração parte da compreensão que:

Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das

decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efectuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas (BARDIN, 1977, p. 101).

Neste momento como o próprio nome evidencia, explora o material, esse é o momento que iremos nos debruçar sobre o material e passar pelo processo de codificação, onde, iremos analisar o conteúdo e iremos destacar as partes significativas para chegar na terceira fase, onde se fundamenta com o tratamento dos resultados e também a inferência e interpretação. Bardin (1977, p. 101) destaca “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos”. Como é destacado, são os resultados de todo o processo de análise da entrevista, através deles iremos chegar a uma conclusão a respeito de tudo que foi abordado e teremos pontos importantes, significativos e relevantes que foram destacados.

3.1 Lócus da Pesquisa

Essa pesquisa será realizada junto a Rede De Mulheres Negras De Pernambuco, localizada no município de Vitória de Santo Antão-PE, que se caracterizar por uma organização sem fins lucrativos, sem filiação e também tem como característica uma organização política não-formalizada que tem como principais valores a ancestralidade, identidade e resistência, outro grande objetivo da organização é o combate ao racismo e ao sexismo. Desse modo, a partir desses princípios as mulheres da Rede vão a luta promover a valorização e iniciativas que contribuem mulheres negras em todos os setores da nossa sociedade para combater a desigualdade existente em nossa sociedade atual.

A Rede teve início a partir da Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver, realizada em Brasília, em 18 de novembro de 2015, e de uma Marcha em Recife, que ocorreu em 9 de dezembro de 2015. A rede conta com a participação de distintas mulheres negras em variados setores da nossa sociedade, da qual tem cerca de 100 componentes.¹

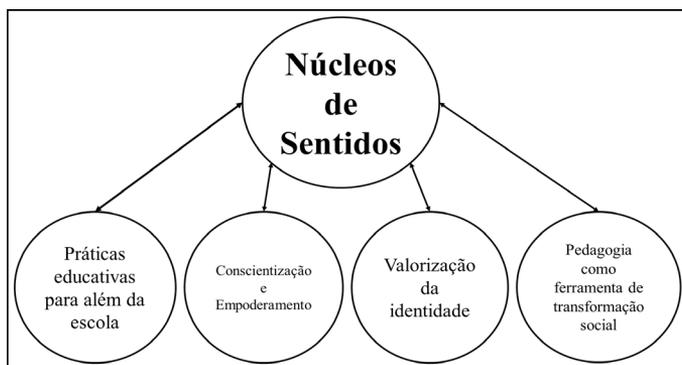
1 Sinalizamos que essas informações foram junto as integrantes da Rede de Mulheres Negras, no corrente ano de 2021.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, iremos apresentar os resultados da coleta de dados junto as mulheres participantes da pesquisa. Desenvolvemos este tópico norteado pela questão problema: “Como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro?” Com isso, a partir da teoria de BARDIN (1977), do qual, aborda a Análise de Conteúdo, para em sua finalidade destacar como a prática educativa abordada pela Rede de Mulheres Negras pode contribuir em toda essa luta social, com isso observamos na fala abordada dos/as sujeitos/ colaboradores/as a respeito da nossa questão problema.

Assim, através dos dados coletados junto as integrantes da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, destacamos os seguintes núcleos de sentidos abordados nos discursos trazido por elas, conduzidos pelos objetivos trazidos na pesquisa. Conforme evidenciado na Figura 1 abaixo:

Figura 1: Núcleos de sentidos evidenciados nos discursos das colaboradoras da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco



Fonte: Os Autores (2021)

O Primeiro núcleo de sentido, **“Práticas educativas para além da escola”** ganha sentido nas narrativas das mulheres colaboradoras desse estudo, ao refletirem sobre os processos educativos que ocorrem para fora dos muros escolares. Hortênsia (2021) aborda que “Eu acredito que tudo que a gente realizou/ realiza serviu/serve de certa forma como uma atividade educativa. Por exemplo, quando a gente faz arrecadação de alguma coisa a gente sempre elucida a importância de fazer isso por causa

dessas diferenças sociais que existe devido ao racismo”. Nessa direção, refletimos sobre a importância da promoção de atividades em diferentes ambientes, considerando que a aprendizagem acontece em todo lugar e em toda hora, estamos em constante processo de aprendizado.

Segundo Anelo e Souza (2012, p. 41), “A educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”. Nessa vertente, sinalizamos que a vivência das mulheres da Rede e a constante conversa e luta pode ajudar muitas mulheres. Essas ações vão contribuindo na formação crítica e emancipadora das mulheres. Ao refletir sobre as ações promovidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, Rosa (2021) pontua que realizam “Oficinas. Debates. Exposição de manequins com dados estatísticos sobre o racismo estrutural/ Institucional”.

Desta forma as mulheres podem trazer conteúdos de forma dinâmica e visual para chamar a atenção do público, bem como gerar um ambiente acolhedor e afetivo, que seguem na direção de uma proposta educativa centrada em suas marcas identitárias. Na figura 2, abaixo evidenciamos algumas das ações realizadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco:

Figura 2- Práticas realizadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco



Fonte: Rede de Mulheres Negras de Pernambuco (2021).

Essas atividades realizadas no mês de abril do corrente ano, no contexto da pandemia, de forma virtual, sobre os cuidados com o cabelo crespo e a autoestima da mulher negra, com a participação das mulheres negras da rede, deve como objetivo de seguir fortalecendo a identidade coletiva da mulher negra. Nesse viés consideramos que “se é fato que a sociedade brasileira tem, historicamente, construído formas operacionais para discriminar o negro, já é passada a hora de essa mesma sociedade reverteresse quadro e construir estratégias de discriminação positiva, ou seja, ações afirmativas” (GOMES, 2002, p. 45).

Nessa mesma intencionalidade a exposição de manequins, com dados estatísticos, sobre o racismo estrutural contra a população negra (com recorte de gênero), realizado em julho de 2021, na praça da Matriz da cidade da Vitória de Santo Antão – PE, teve como objetivo de Vivenciar o julho das pretas, em homenagem a Tereza de Benguela, conscientizando a população em geral sobre o Racismo Estrutural. Essas são algumas das ações que vem sendo promovidas para e com as mulheres negras da Rede, visando a construção de uma sociedade sem desigualdade e de direito para todos(as).

O núcleo de sentido **“Conscientização e Empoderamento”** ganha forma na narrativa de Rosa (2021) ao destacar que “As Práticas educativas tem como finalidade questionar, discutir, debater sobre o racismo estrutural aliado a questão de gênero (Mulher /negra), a fim de que se amplie o combate a essas chagas históricas: Machismo e racismo”. Essa reflexão mostra a necessidade de conscientizar, para lutar contra esse sistema que oprime e discrimina as mulheres negras. Na medida em que planejamos e realizamos práticas educativas voltadas para o combate do racismo e ao empoderamento, iremos está estimulando as/os estudantes a se tornarem sujeitos pensantes e ativos em lutas sociais, não meros apoiadores e repetidores de um sistema social preconceituoso e excludente.

Assim, compreendemos que “a conscientização é isto: tomar posse da realidade” (CORTEZ; MORAES; FREIRE, 1979, p. 16). A tomada de consciência sobre seu papel-função social, bem como de seus direitos-deveres podemos atuar de forma ativa na sociedade, enquanto sujeitos protagonistas. A Rede de mulheres Negras de Pernambuco constitui-se enquanto um coletivo de luta, resistência e de empoderamento, das mulheres negras que foram/são vítimas de preconceitos e discriminação.

Desse modo, faz-se necessário atendermos para os processos desigualdade social para que haja uma mudança real e significativa, já que muitos ainda negam o racismo e machismo, como apresenta Gardênia

(2021), ao pontuar que “Vivemos mais de 300 anos de escravidão e mais de 100 anos de negação”. Esse discurso revela os processos de opressão impostas aos povos negros, assim é na tentativa de se distanciar dessa lógica colonial e de imposição e opressão, que a Rede se mobiliza para modificar essa história. Nesa vertente, sinalizamos o pensamento sobre o empoderamento abordado por Sardenberg (2009, p.2), “O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal”, apontando claramente como o empoderamento feminino é uma ferramenta de grande poder em nossa sociedade, fazendo com que a mulher saia da posição de submissão, imposto pela sociedade durante anos, desta forma, sentirá força e confiança para lutar contra esse sistema desigual e opressor.

As mulheres negras da Rede vêm protagonizando ações transformadoras e que dialogam com sua realidade, como apresenta Rosa (2021) ao dizer que “o impacto de uma ação transformadora em uma sociedade machista, misógina e racista pode empoderar meninas/mulheres negras, estruturando-as para que enfrentem essa realidade, com um certo nível de consciência política para tentar transformar sua realidade”. Como apresentado por Rosa, à medida que enxergamos e temos consciência da violação e/ou violência sofrida, iremos ter a oportunidade de lutar pelos direitos que muitas vezes são negados e/ou violados.

Há pessoas que infelizmente passam anos sofrendo discriminação e nem sabem disso, tendo isso em mente é de grande importância buscar métodos dos quais estimulem essa conscientização e esse empoderamento, para que elas saiam dessa posição, as margens sociais impostas pela sociedade machista, racista e misógina e lutem pelos seus direitos, transformando assim a sua realidade.

O núcleo de sentido “**Valorização da identidade**” é apresentado no discurso das colaboradoras de forma bastante intensa, conforme reflete Margarida (2021), ao destacar que “Eu fico imaginando o que fizeram com as nossas cabeças e com a nossa alma, pra que a gente comece a negar a si mesmo e encarar a nossa identidade como um xingamento”. Desse modo, chamamos atenção para as pessoas negras foram bastante oprimidas ao longo dos anos e começaram a mudar os traços e características de sua identidade para tentar se integrar na sociedade e diminuir o abismo entre os negros e as demais populações. Desse modo, Gomes (2002, p. 42), pontua que “O tornar-se negro enquanto uma construção social e individual se materializa na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória”. Por conta de tanto sofrimento

e a tentativa social de silenciar e moldar as mulheres negras, muitas pessoas começaram a ver sua própria identidade como algo negativo e vergonhoso, como reforça Gardênia (2021), a sinalizar que “As pessoas em sua maioria não se assumem como negras. Por isso é necessário essa luta transformadora”.

Ao considerarmos que se faz necessário conscientizar a sociedade para o respeito as diferenças sem se limitar a questões de gênero e/ou de raça-etni, a ponta para uma possibilidade outra de pensar-sentir-viver uma sociedade equanime e inclusiva. Gomes (2002, p.42), ao refletir sobre os povos negros, evidencia que “esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade”. Nessa direção, vale ressaltar que as lutas e resistências que os povos negros tiveram aos longos dos anos, mesmo com tanta diferença histórica e sociocultural dessas/desses sujeitos protagonizam espaços-tempos de autoria e reconhecimento das diferenças. Assim, reconhecemos que a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, contribuem no processo de valorização da identidade das mulheres negras.

Por fim, o núcleo de sentido **“Pedagogia como ferramenta de transformação social”** ganha sentido nos discursos de Margarida (2021), quando destaca que “A Pedagogia tem que refletir como a educação pode ser atuante para além da sala de aula”. Desse modo, consideramos necessário que a Pedagogia pense na/no estudante como um sujeito completo e não apenas como um(a) estudante, as crianças são sujeitos em construção, mas não são incompletas ou limitam-se a sala de aula.

Por essa razão a Pedagogia necessita está atenta para esse sujeito como um todo e promover uma educação humanizada, indo além dos conteúdos da matriz curricular e ter um olhar diferenciado. Nesse sentido, Gomes (2002, p. 45) evidencia que “ao levarmos a sério essa questão e buscarmos construir estratégias de reversão do quadro de desigualdade social e racial, estaremos nos posicionando politicamente e isso implica discordâncias, negociações, acordos e tensões”. Na perspectiva decolonial as práticas pedagógicas configuram-se enquanto ato político, conforme destaca Rosa (2021):

A Pedagogia enquanto ciência da educação tem esse papel/função, de conduzir através do diálogo das experiências vivenciadas por esses/essas sujeitos/ sujeitas (meninas/mulheres negras), para que durante esse seu trajeto na sociedade consigam quebrar barreiras já posto, em transformação social e coletiva.

Desse modo, compreendemos que a Pedagogia estimula essa humanização e criticidade, pelo fato da/do estudante está inserida em um ambiente que combata ao racismo e machismo em sua atuação, consequentemente obtendo uma transformação social. Assim, pontuamos que a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco compreende sua importância no exercício pedagógico e se mobiliza na construção de estratégias que visem estimular a criatividade, protagonismo e criticidade dos(as) estudantes, sejam negros(as) ou não, pois compreendem que a defesa e discussão sobre o combate ao racismo é de todos e todas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção, salientamos evidências da nossa relevância como pesquisa acadêmica e iremos retomar nossa questão problema e dos objetivos de pesquisa do qual nos motivaram para essa busca e construção. A partir disto, iremos apresentar os resultados conquistados através dos discursos destacados pelas nossas sujeitas/colaboradoras da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco.

Esse estudo teve como questão problema: Como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro? Nessa direção, objetivamos analisamos os discursos das colaboradoras, buscando compreender como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negra.

Nesta direção, tivemos a oportunidade de identificar quatro núcleos de sentidos na fala trazidas pelas colaboradoras da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco : I) Práticas educativas para além da escola; II) Conscientização e Empoderamento; III) Valorização da identidade; IV) Pedagogia como ferramenta de transformação social. Nessa perspectiva, observamos elementos de grande importância para esse combate ao racismo e empoderar as meninas para seguirem um caminho do qual tenham liberdade para ser quem são e orgulhar-se disso.

Nessa direção, os dados confirmaram nosso pressuposto, de fato, organizações que trabalham com mulheres negras representam um espaço-tempo de luta e resistência contra o racismo e contribui nas lutas e resistências das mulheres. Assim, podemos considerar que as práticas educativas abordadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no fortalecimento da diferença social, justamente pela sua humanização, identificação, inclusão e por ser pensada e vivida em diálogo com a realidade das mulheres negras. No contexto das práticas educativas promovidas pela Rede as participantes seguem são compreendidas como protagonistas das lutas e resistências e sujeitos de direito.

No decorrer da construção dessa pesquisa, ficou em evidência como devemos buscar novas pesquisas e aprofundamentos em relação às temáticas sobre o racismo e machismo. Dessa forma seguimos nos questionando como os elementos sobre o enfrentamento do racismo vêm sendo ou não trabalhado nas escolas? Como as mulheres negras se percebem nos espaços escolares? Assim, seguimos ampliando os processos de reflexões teóricos-práticos na tentativa de construirmos uma sociedade cada vez mais pautada no respeito e equidade de gênero e etno-raciais.

6. REFERÊNCIAS

ANELO, Gisele; SOUZA, Anilda. Aprendizagem no espaço não escolar. **Revistae**-Ped FACOS/CNECOsórioVol. 2–Nº1. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa_edições, 70, 1977.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento:Instrumento de Emancipação Social? – Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan. -abr. 2012.

CARNEIRO, Sueli. Mulher em Movimento. **Estud. av.** vol. 17no. 49 São Paulo Sept. /Dec. 2003

CORTEZ&MORAES. FREIRE. **CONSCIENTIZAÇÃO**:Teoria e Prática da Libertação Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo1979

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. ARTMED@EDITORAS. A. (BOOKMAN@COMPANHIA EDITORA. Porto Alegre/SÃO PAULO. 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. ALETRIA–2002

GOMES, Nilma. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan. /jun. 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ªEd. São Paulo:Atlas, 1999.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, 2004, 9(3), 401-411

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **ProPosições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago2008

MANZINI, Eduardo. **Uso da Entrevista em Dissertações e Teses produzidas em um Programa de Pós-Graduação em Educação**. Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. Ed. Rio de Janeiro:Zahar, 1982.

SARDENBERG, Cecília M. B, Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista1. Salvador, Bahia. 2009.